

Ele é ativo,
emproado e até um
bocadinho arrogante...
mas é impossível
resistir-lhe!

DONO DO MUNDO

VI KEELAND
PENELOPE WARD

AUTORAS BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

*Este livro é dedicado a todas as meninas
que querem usar verde fluorescente na aula de dança,
quando todas as outras usam cor-de-rosa pastel.*

Soraya

Mal pus o pé direito no metro, fiquei paralisada. Ele já estava no interior da carruagem. *Merda!* Sentado em frente ao meu lugar habitual. Recuei.

— Então, não vê para onde vai? — Um engravatado atrapalhou-se com o café que trazia na mão e quase o entornou quando, sem olhar, eu fiz inversão de marcha para fora da terceira carruagem e choquei contra ele. — Mas que raio?

— Desculpe! — Saiu-me fugazmente e não parei, baixando-me para não me verem das janelas e passando por algumas carruagens. As luzinhas ao lado de cada porta começaram a piscar, vermelhas, e ouviu-se bem alto uma campainha a assinalar a partida iminente do metro. Saltei para dentro da sétima carruagem no preciso momento em que as portas começavam a fechar-se.

Demorei uns bons 60 segundos a recobrar o fôlego da corrida equivalente ao comprimento de quatro carruagens. *Tenho mesmo de voltar ao ginásio, caraças.* Descobri um lugar vazio no sentido da marcha e instalei-me ao lado de alguém, em vez de me sentar num dos vários lugares vagos virados para o interior. O homem baixou o jornal quando me sentei a seu lado.

— Desculpe — disse-lhe. — Não consigo viajar virada de lado.

Os dois lugares diante dele estavam vagos. Ditava a etiqueta do metro que eu ocupasse um deles, mas calculei que ele preferisse menos espaço a levar com vômito. Sorri-me.

— Eu também não.

Enfie os auriculares, suspirei de alívio e fechei os olhos quando o metro arrancou. Um minuto depois, senti tocarem-me no ombro. O passageiro a meu lado apontou para o homem que estava de pé no corredor.

Tirei um dos auriculares, com relutância.

— Soraya, bem me pareceu que eras tu.

Aquela voz.

— Hum... Olá. — Como diabo é que ele se chamava? Ah, espera... como é que eu poderia esquecer-me? Mitch. Mitch Esganiçado.¹ Eu ainda estava de relações cortadas com a minha irmã por causa desse desaire. O pior encontro às cegas de todo o sempre. — Estás bom, Mitch?

— Estou, aliás, estou ótimo, agora que te encontrei. Tentei contactar-te algumas vezes. Devo ter anotado o número errado, porque nunca me respondeste às mensagens.

Sim, deve ter sido isso.

Ele coçou a braguilha. Eu já quase me esquecera dessa pérola. Provavelmente era um tique nervoso, mas, de cada vez que o fazia, o meu olhar seguia-lhe a mão, e era um esforço sobre-humano para não desatar à gargalhada. Mitch Esganiçado e Comichoso.² *Obrigadinha, mana.*

Ele pigarreou.

— Se calhar, poderíamos tomar café esta manhã?

O engravatado a meu lado baixou o jornal outra vez e olhou para o Mitch e depois para mim. Não consegui ser mazinha para ele, o coitado até era simpático.

— Hum. — Levei a mão ao ombro do engravatado ao meu lado. — Não posso, este é o Danny, o meu namorado. Voltámos há uma semana, não foi, amor?

O Mitch ficou destroçado.

— Ah, compreendo.

¹ *High pitch Mitch*, no original. [N. T.]

² *High pitch Mitch with the itch*, no original. [N. T.]

O Pretenso Danny alinhou e pôs a mão no meu joelho.

— Eu não sou de misturas, meu, faz-te à vida!

— Não é preciso seres bruto, Danny! — Mirei-o, furibunda.

— Não fui bruto, fofa, ser bruto é isto. — Num abrir e fechar de olhos, beijou-me, e não foi nenhum chocho. A língua não perdeu tempo a enfiar-se pela minha boca. Empurrei-o com força no peito, e limpei a boca com as costas da mão.

— Desculpa, Mitch.

— Não faz mal. Hum... desculpa a interrupção. Fica bem, Soraya.

— Tu também, Mitch.

Assim que ele se afastou o suficiente para não me conseguir ouvir, fiz má cara ao Pretenso Danny.

— Para que raio foi aquilo, sacana?

— Sacana? Há dois minutos era «amor». Decide-te, querida.

— É preciso ter lata.

Ignorando-me, levou a mão ao bolso interior do casaco, de onde tirou o telemóvel a vibrar.

— É a minha mulher. Podes falar mais baixo?

— A tua *mulher*? És *casado*? — Levantei-me. — Credo, mas que sacana. — Como ele tinha as pernas esticadas e não se mexeu para me deixar sair, passei por cima dele. Quando o vi levar o telemóvel ao ouvido, tirei-lho da mão e falei para o microfone sem sequer ouvir. — O teu marido é um enorme sacana.

Atirei-lhe o telemóvel para o colo e afastei-me no sentido contrário àquele por onde o Mitch tinha seguido.

E ainda só é segunda-feira, caraças.

Este tipo de merdas era a história da minha vida. Ter maus encontros amorosos. Homens que, afinal, eram casados.

Encaminhei-me para outra carruagem para não ter de levar mais com o «Danny» nem com o Mitch.

Para meu contentamento, esta carruagem estava menos apinhada, e havia um lugar vago virado para a frente. Senti logo a pressão arterial a baixar quando me afundei no banco. Fechei os olhos um momento e deixei a oscilação do metro acalmar-me.

A voz áspera de um homem interrompeu-me a serenidade.

— Porra, Alan, faz o teu trabalho, ou é pedir muito? Para que é que te pago se tiver de tomar conta de tudo e mais alguma coisa? As tuas perguntas não têm sentido nenhum! Discorre tu e depois liga-me quando tiveres uma solução que mereça o meu tempo. Não tenho tempo para perguntas estúpidas. Até o meu cão arranjaria algo mais inteligente do que aquilo que tu acabaste de sugerir.

Mas que imbecil.

Quando espreeitei para ver a cara de onde saía a voz, tive mesmo de me rir de mim para comigo. *Claro*. Claro! Não admira que tenha achado que podia pisar toda a gente. Com aquele ar, as pessoas provavelmente caíam-lhe aos pés, literal e figurativamente. Era lindo. Mais do que lindo, tresandava a poder e a dinheiro. Revirei os olhos... mas não consegui desviá-los dele.

A camisa justa ao corpo deixava adivinhar uma silhueta esculpida. Tinha o casaco azul-marinho, que parecia custar uma fortuna, dobrado sobre o colo. Os sapatos pretos pontiagudos nos pés grandes pareciam acabados de engraxar. Era *tão* um daqueles tipos que manda engraxar os sapatos no aeroporto sem sequer olhar para a cara do engraxador. O seu acessório mais impressionante, porém, era o olhar furioso que ostentava no rosto perfeito. Terminada a chamada, ficara com ar de quem estava em guerra com o mundo. Uma veia latejava-lhe no pescoço. Passou a mão pelo cabelo preto num gesto de frustração. Pois. Mudar para aquela carruagem tinha sido uma decisão certa, nem que fosse só para lavar a vista. O facto de ele parecer nem dar pelas outras pessoas facilitava-me a observação. Ficava uma brasa, assim zangado. Algo me dizia que ele estava *sempre* zangado. Parecia um leão — o tipo de espécie que é melhor admirar de longe, pois qualquer contacto poderia resultar em danos irreparáveis.

Tinha arregaçado as mangas e exibia um relógio enorme e caríssimo no pulso direito. Sempre de semblante franzido, olhava fixamente pela janela enquanto brincava com o relógio, rodando-o para a frente e para trás. Parecia ser um tique nervoso, o que até era

irónico, porque eu tinha a certeza que ele próprio deixava as outras pessoas bastante nervosas.

O telemóvel tornou a tocar. Ele atendeu.

— O que é?

A voz era do género barítono rouco que me acerta direitinha entre as pernas. Sou maluca por vozes profundas, sensuais. Além disso, é raro a voz combinar com o homem.

Com o telemóvel na mão direita, continuou a mexericar no metal do relógio com a esquerda.

Clique, clique, clique.

— Pois, vai ter de esperar — rosnou ele.

» A resposta é, chego quando chegar.

» O que é que não percebeu, Laura?

» Não se chama Laura? Então como raio se chama você?

» Então... *Linda*... diga-lhe para remarcar, se não puder aguardar.

Depois de desligar, resmungou qualquer coisa baixinho.

As pessoas como ele fascinavam-me. Parecia que eram donas do mundo só por terem sido abençoadas pela genética ou tido oportunidades que as guindavam a um escalão financeiro superior. Não tinha aliança no dedo. Apostei que o dia dele era composto apenas por atividades que servissem os seus interesses. Café caro, trabalho, refeições em restaurantes de topo, quecas sem amor... repetir. Ir ao engraxador e talvez jogar raquetebol, de permeio.

Apostei que também era egoísta na cama. Não é que eu o pusesse fora da cama — mas pronto. Não posso dizer que já tenha estado com alguém assim tão poderoso, portanto não sei por experiência própria como é que isso se traduziria na cama. Na sua maioria, os meus namorados eram artistas em dificuldades, *hipsters* ou ambientalistas. A minha vida estava longe de ser *O Sexo e a Cidade*. Era mais *O Sexo e a Piedade*. Ou *O Sexo e a Nulidade*. Não me importava nada de fazer de Carrie para *este* Mr. Big, nem que fosse só por um dia. Ou Mr. Big Arrogante. *Completamente, raios!*

Uma falha nesta minha fantasia: eu não fazia o género deste tipo. Provavelmente preferia louras magrinhas da alta sociedade,

italianas sem curvas de Bensonhurst com mau feitio e cabelo às cores. Eu tinha cabelo preto e comprido até ao rabo. Parecia uma mescla de Elvira e Pocahontas de rabo grande. As pontas do meu cabelo eram pintadas de cores diferentes a cada duas semanas, consoante a disposição. Nessa semana, era azul-imperial, ou seja, as coisas corriam-me bem. Vermelho servia para quando era melhor saírem-me da frente.

Aqueles pensamentos aleatórios interromperam-se com a chadeira do metro a travar. De súbito, o Mr. Big Arrogante levantou-se e deixou atrás de si uma nuvem de perfume caro. Até o cheiro dele era irritantemente sensual, apesar de dominador. Atravessou as portas rapidamente, e estas fecharam-se atrás dele.

Sumira-se. Pronto, acabara-se o espetáculo. Bem, tinha sido divertido enquanto durara.

A minha paragem era a seguir, e avancei para a mesma porta por onde ele tinha saído. Bati com o pé numa coisa que me deu a sensação de ser um disco de hóquei e tive mesmo de olhar para baixo.

O meu coração começou a bater mais depressa. Parecia que o Mr. Big Arrogante tinha deixado parte de si para trás.

Deixara cair o telemóvel.

O telemóvel, porra!

Tinha zarpado do metro com tal pressa que o telemóvel lhe teria caído da mão. E aparentemente eu estava tão entretida a admirar-lhe o rabo jeitoso que nem dei por isso. Peguei no *iPhone* e achei-o quente. Tinha o cheiro dele. Apeteceu-me levá-lo ao nariz, mas dominei-me.

Tapei a boca e olhei em redor. Se a minha vida fosse uma série de televisão, o riso gravado entraria naquele preciso instante. Não havia ninguém a olhar para mim. Ninguém ligava ao facto de eu ter o telemóvel do Figurão.

O que é que haveria de fazer com ele?

Guardei-o na minha mala de padrão de leopardo como se manuseasse uma bomba, e saí da estação para a soalheira Manhattan

à superfície. Senti que o telemóvel vibrava com uma mensagem, e ouvi-o tocar pelo menos uma vez. Não estava em condições de voltar a tocar-lhe, pelo menos enquanto não tomasse o meu café.

Depois de parar na minha rulote habitual, fui bebericando no percurso de dois quarteirões até ao trabalho. Naquele dia em particular, eu estava atrasada, pelo que decidi abster-me de desvendar a vida do Mr. Big Arrogante até depois do almoço.

Quando cheguei ao meu posto, tirei o telemóvel da mala e percebi que a bateria estava a acabar-se, pelo que o liguei ao carregador. O meu cargo de assistente de uma colunista lendária não era certamente um emprego de sonho, mas pagava as faturas. A Ida Goldman era a responsável pela coluna diária *A Ida Sabe da Tua Vida*, a qual já contava vários anos. Ultimamente, a Ida queria puxar por mim, pedia-me para experimentar responder a algumas das perguntas. As respostas que eram seleccionadas saíam no jornal, e as outras no *website* da Ida. Parte da minha função era fazer a triagem das perguntas e decidir quais delas encaminhar à minha chefe.

Embora os conselhos da Ida fossem sempre delicados e politicamente corretos, eu tendia a ir direita ao assunto, ou seja, cortava as tretas. Por conseguinte, ela nunca publicava as minhas respostas. Ocasionalmente, não resistia a encarregar-me de certas perguntas que não passavam no crivo — aquelas que acabariam no lixo, fosse como fosse. Certas pessoas precisavam mesmo de uma dica, e eu sentia que era negligência ignorar aqueles pedidos de socorro.

Descobri recentemente que o meu marido tem uma coleção de pornografia. O que hei de fazer?

Trisha, Queens

Que sorte a sua! Invista num bom vibrador. Ponha tudo como estava depois de se entreter enquanto ele estiver no trabalho.

Embededei-me numa festa e beijei o namorado da minha melhor amiga. Agora não paro de pensar nele.

Sinto-me péssima, mas acho que estou a apaixonar-me por ele. Tem algumas dicas?

Dana, Long Island

Sim. É uma cabra! Até terça-feira, Dana!

O meu namorado pediu-me em casamento e eu disse que sim. Ele é o homem mais amoroso e bom que já conheci. O problema é que o diamante que ele me deu é mais pequeno do que eu esperava. Não o quero melindrar. Preciso de uma maneira diplomática de exprimir a minha decepção.

Lori, Manhattan

Deus tem o mesmo dilema no que toca à sua pessoa, fofa.

P.S.: Quando o seu noivo a mandar à fava, dê-lhe o meu contacto.

Responder a alguns e-mails com frontalidade e sinceridade dava-me sempre a energia necessária para começar o dia de trabalho. A manhã passou num ápice. À hora de almoço já o telemóvel do Mr. Big Arrogante estava carregado, e levei-o comigo para a sala de convívio. Tinha encomendado tailandês para as duas.

Depois do almoço, a Ida saiu da sala, o que me deu cerca de dez minutos de privacidade para vasculhar o telemóvel. Felizmente não estava protegido por uma palavra-passe. Primeira escala: as fotografias. Não havia muitas e, se eu achasse que conseguiria pistas quanto à identidade do tipo com base nas fotografias da galeria, estava bem enganada. A primeira foto era de um cão pequeno, branco e peludo. Parecia uma raça *terrier* qualquer. A foto seguinte era das mamas nuas de uma mulher com uma garrafa de champanhe ao meio. Eram pálidas, perfeitamente redondas, completamente falsas. Que nojo. Depois havia mais fotos do cão, seguidas de uma com um grupo de mulheres idosas que parecia estarem numa aula de *Jazzercise*. Mas que raio? Não consegui reprimir uma gargalhada sonora. A última foto era uma *selfie* dele com uma velhota. Estava

trajado com maior descontracção, o cabelo menos certinho, e até sorria. Estava incrivelmente giro. Custava a crer que fosse o mesmo engravatado emproado do metro, mas aquela cara linda assim o confirmava.

Mais cinco minutos até eu voltar à minha secretária. Não havia conta de correio eletrónico ligada ao telemóvel, pelo que abri os contactos e decidi ligar para o primeiro nome da lista: Avery.

— Ora, ora, Graham Morgan. Há quanto tempo? O que aconteceu? Já correste o alfabeto todo e voltaste ao início? Não te esqueceste de que eu não fui um dos teus brinquedos, pois não? — Uma buzina e ruído de trânsito em pano de fundo, seguido da porta de um carro a bater que abafou os barulhos citadinos. — Para o edifício Langston, mas não siga pelo parque. As cerejeiras estão em flor e a última coisa que me apetece é aparecer na reunião com a cara inchada. — Quando acabou de dar ordens ao motorista lembrou-se da chamada. — Então, o que se passa?

— Hum. Olá, não é o Graham. Eu sou a Soraya.

— So... quê?

— Soraya. Quer dizer «princesa» em persa. Mas eu não sou da Pérsia, o meu pai achou...

— Seja quem for, diga-me o que quer e a razão para me fazer desperdiçar tempo precioso. E porque é que me está a ligar do telemóvel do Graham?

Graham Morgan. Até o raio do nome era sensual. Como seria de esperar.

— Achei este telemóvel no metro. Tenho quase a certeza de que pertence a um homem que vi esta manhã. No final da casa dos 20 anos, talvez? Cabelo preto penteado para trás, comprido demais para quem usa fato, a encaracolar na gola do casaco. Vestia um fato azul-marinho às risquinhas e tinha um relógio volumoso.

— Lindo, arrogante e furibundo?

Tive de me rir um pouco.

— Sim, esse mesmo.

— Chama-se Graham Morgan e sei aonde deve levar o telemóvel.

Tirei uma caneta da mala.

— Está bem.

— Está perto da linha 1 do metro?

— Não estou longe.

— Pronto, apanhe o metro da linha 1 e siga até à Baixa. Passe pela Rector Street e saia no South Ferry Terminal.

— Está bem.

— Quando sair, vire à direita na Whitehall e depois à esquerda na South Street.

Eu conhecia a zona e tentei visualizar os prédios. Era um bairro bastante comercial.

— Mas isso não é à beira do rio East?

— Exato. Atire o telemóvel ao rio e esqueça que viu tal homem. Sinal de chamada desligada. *Mas que interessante.*

2

Soraya

Tencionava devolver o telemóvel nessa manhã.

A sério que sim.

Por outro lado, também tencionava terminar a faculdade. Viajar pelo mundo. Infelizmente, o mais longe que me aventurei fora da cidade naquele último ano foi quando a minha pessoa não diplomada adormeceu no metro em Path e foi parar a Hoboken.

Com o telemóvel bem escondido num bolso lateral da minha mala, segui na carruagem número 7, uma fila atrás e na diagonal em frente ao Mr. Big Arrogante, a mirá-lo de lado enquanto ele lia o *Wall Street Journal*. Eu precisava de mais tempo para estudar o leão. As criaturas do jardim zoológico sempre me fascinaram, principalmente a sua interação com os seres humanos.

Na paragem seguinte entrou uma mulher e sentou-se em frente ao Graham. Era jovem, e o comprimento da saia roçava o impróprio. As pernas bronzeadas estavam tonificadas, nuas e sensuais. Até os *meus* olhos se demoraram nelas. Todavia, o leão não atacou. Parece que nem reparou nela, alternando entre ler e mexer naquele relógio enorme. *Achava que ele seria mais engatatão, sem dúvida.*

Quando chegámos à paragem dele, tomei a decisão de lhe devolver o telemóvel. Amanhã. Mais um dia não faria diferença. Aproveitei o resto da viagem para tornar a vasculhar as fotografias dele. Só que, desta vez, estudei-as, tomando atenção aos pormenores em segundo plano, em vez de me focar apenas no objeto principal.

A fotografia em que ele estava com a senhora de idade fora tirada diante de uma lareira. Da primeira vez não tinha reparado nisso. A prateleira tinha uma dúzia de molduras com fotografias. Ampliei a moldura que se via mais nítida. Um rapazinho e uma mulher. O rapaz teria 8 ou 9 anos e vestia uma farda qualquer. A mulher — pelo menos achei que era uma mulher — tinha o cabelo muito curtinho. O rapaz poderia ser o Graham, mas não tinha a certeza. Quase perdi a minha paragem, a ampliar o que afinal era um carteiro no segundo plano doutra fotografia. Que raio estava eu a fazer?

Parei na minha rulote do costume e pedi o café.

— Um grande com leite de soja, baunilha, sem açúcar e com gelo.

O Anil abanou a cabeça e galhofou. De vez em quando, se cahava ele ter uma fila de mulheres que pareciam ter-se perdido enquanto procuravam um Starbucks, eu pedia uma coisa ridícula qualquer. Em voz muito alta. Regra geral, havia pelo menos uma que acreditava que a rulote Carne Halal do Anil vendia bebidas finas. Em suma, havia quatro opções: café simples, com leite, com açúcar, ou vai a outro lado, caraças — ele nem sequer tinha adoçante. Larguei o dinheiro no copo, ele passou-me o café simples do costume, e tive de me rir ao ouvir uma mulher a perguntar se ele fazia *frappuccinos*.

Quando cheguei ao escritório, a Ida estava particularmente azeda. *Espetáculo*. O mundo inteiro achava que *A Ida Sabe da Tua Vida* era uma instituição americana muito querida. Só uns poucos conheciam a verdade. A mulher que dispensava doses bem cheias de conselhos delicodoces comprazia-se em lixar pessoas e em ser forreta.

— Arranja-me o número do Hotel Celestine. — Foi a saudação dela.

Liguei a torre do velho computador de secretária onde ela me tinha a trabalhar. A Internet do meu telemóvel era muito mais rápida, mas eu não estava para usar os meus dados só porque ela se

recusava a entrar no século XXI. Cinco minutos depois, levei-lhe o número ao gabinete.

— Toma. Queres que faça reserva?

— Traz a pasta das viagens do arquivador.

Passei-lha e esperei, dado que nem me tinha respondido à pergunta. A Ida folheou a pasta bojudada até encontrar um cartão pequeno e dobrado — daqueles que o hotel deixa com o nome da camareira. Ela leu-o e passou-mo.

— Liga para o hotel. Diz-lhes que a Margaritte não sabe limpar quartos. Que, da última vez que fiquei no Celestine, a alcatifa não estava bem aspirada, e havia cabelos pretos na parede do chuveiro.

— Está bem...

— Diz o nome da Margaritte e que eu quero um quarto limpo por outra pessoa. Depois pede desconto.

— E se não fizerem?

— Reserva o quarto na mesma. O meu quarto estava impecavelmente limpo da outra vez.

— Queres dizer que a alcatifa e o chuveiro não estavam sujos?

Ela soltou um suspiro exasperado, como se eu estivesse a torrar-lhe a paciência.

— Os preços dos quartos deles são um assalto. Não estou para pagar 400 dólares por noite.

— E para isso não te pesa na consciência que alguém venha a ser despedido?

Ela ergueu uma sobrancelha grossa, desenhada a lápis.

— Preferias que fosses tu?

Pois. Esta cabra tem mesmo autoridade para dar conselhos de moral.

Felizmente para mim, era quarta-feira — o dia da semana em que a Ida se reunia com o editor. No mínimo, só tinha de gramar com ela meio dia antes de me deixar um rol de página inteira com as tarefas para cumprir:

Encomenda novos cartões de visita (menos coloridos desta vez, isto é uma empresa, não é um circo).

Atualiza o blogue (a pasta amarela tem cartas diárias e respostas. Não improvise. *A Ida Sabe da Tua Vida NÃO* sugere ter sexo de quatro para animar o namorado que acabou de perder o seu querido *Jack Russell terrier*).

Guarda as faturas da pasta azul no *QuickBooks* (todos os descontos, mesmo passados da validade).

Manda os contratos ao Lawrence para ele os rever. Aqui não havia mais indicações. Eu não tardaria a perceber porquê. Ela anotara todas as páginas do documento, com um marcador cor de laranja fluorescente. *Ridículo. Inaceitável*.

Vai buscar a roupa à lavandaria (o papel está na minha secretária. Não lhe pagues se a nódoa na manga esquerda do meu casaco *mohair* ainda lá estiver). *Mas o que raio era mohair?*

A Speedy Printing vem fazer uma entrega esta tarde (sem gorjeta — o estafeta atrasou-se dez minutos na semana passada, outra vez).

O rol era infundável. Tive de fazer um esforço para não o digitalizar e publicar no blogue, logo a seguir à última resposta da Ida a uma empregada que se queixava do patrão. Em vez disso, aumentei o volume (a Ida não permitia música no local de trabalho), dei 20 dólares de gorjeta ao estafeta, tirados do fundo de maneio, e tirei uma hora de folga com os pés em cima da secretária, para brincar com o telemóvel do Mr. Big Arrogante mais um pouco. Olhei para os meus dedos dos pés e admirei a arte do Tig — duas plumas tatuadas no peito do pé direito, pendendo de uma pulseira de couro no tornozelo. Muito Pocahontas. Tinha de passar pelo salão para ele tirar uma fotografia e afixar no mural, agora que o inchaço já desaparecera.

Os meus dados móveis mensais estavam quase esgotados, por isso pesquisei «Graham Morgan» no telemóvel dele. Fiquei admirada quando surgiram mais de mil resultados. O primeiro era a página da sua empresa, a Morgan Financial Holdings. Cliquei na ligação. Página típica de empresa, tudo muito estéril e empresarial.

A lista de participações em empresas tinha uma página, de imobiliário a investimentos. A página tresandava a dinheiro antigo. Apostaria que o paizinho ainda tinha um grande gabinete de canto e ainda lá ia todas as sextas-feiras depois do golfe. A temática da página também parecia resumir o negócio — gestão de bens. *Os ricos ficam mais ricos*. Quem é que me geria os bens? Ah, espera. Pois claro. Eu não tinha bens. Tirando a minha boa prateleira. Atualmente, também não havia ninguém a geri-la.

Cliquei no separador *Sobre* e fiquei de queixo caído. A primeira fotografia era do próprio Adónis, Graham J. Morgan. O homem era seriamente lindo. O nariz forte como uma lâmina, o queixo esculpido, olhos da cor de chocolate de leite derretido. Algo me dizia que ele poderia ter ascendência grega. Lambi os lábios. *Caraças*. Por baixo, li a biografia. Vinte e nove anos, distinção académica em Wharton, solteiro, blá, blá, blá. A única coisa que me surpreendeu foi a última frase: O Sr. Morgan fundou a Morgan Financial Holdings há somente oito anos, mas o seu portefólio diversificado rivaliza com as mais antigas e prestigiadas firmas de investimento de Nova Iorque. *Então enganei-me quanto ao paizinho*.

Depois de limpar a baba do teclado, passei ao separador *Equipa*. Trinta diretores e gestores diferentes destacados. Também havia ali uma temática comum. Com muitos estudos e ar antipático. Tirando um renegado solitário que se atreveu a sorrir para a fotografia empresarial. Ben Schilling, diretor de Marketing, aparentemente. Entediada com a vida empresarial, mas ainda pouco disposta a voltar ao rol de afazeres, tornei aos contactos do Graham. Passei o nome da Avery e perguntei-me se o Mr. Big Arrogante só chatearia mulheres. Uns nomes abaixo da Avery, aterrei no primeiro masculino: Ben. *Hum*. Sem pensar muito, escrevi uma mensagem:

Graham: Então?

Fiquei toda entusiasmada quando vi as reticências aos saltinhos indicarem que ele escrevia resposta.

Ben: A trabalhar na apresentação. Estará pronta amanhã, conforme combinado.

Graham: Ótimo. Diz à Linda que te ponha na minha agenda.

Pelo menos, *eu* acertara no nome da rapariga. Vi as reticências começarem e pararem. Recomeçaram.

Ben: Achei que a Linda não voltava. Depois do que aconteceu na reunião de ontem.

Já estávamos a chegar a algum lado. Endireitei-me na cadeira.

Graham: Aconteceu muita coisa na reunião de ontem. A que te referes especificamente?

Ben: Hum... Quando berraste «estás despedida, sai do meu escritório».

O gajo era mesmo um sacana. Alguém tinha de lhe dizer das boas. Abri o *Safari* e surgiu a última página que eu consultara. Desci e encontrei o que procurava: Meredith Kline, diretora de Recursos Humanos.

Graham: Se calhar fui um bocado duro. Vou passar a tarde em reuniões. Não te importas de ir dizer à Meredith dos RH para a Linda receber um mês de vencimento?

Ben: Claro que não. De certeza que ela aprecia.

Se eu fosse simpática demais, ele iria desconfiar.

Graham: Eu aprecio que não me ponham em tribunal. O que ela aprecia não me interessa.

Achei que já tinha ido bem longe, pelo que atirei o telemóvel para dentro da mala antes de fazer mais estragos. Amanhã iria devolvê-lo. Estava ansiosa por me encontrar com o sacana em pessoa.

3

Soraya

A Morgan Financial Holdings ocupava todo o 20.º piso, segundo o cartaz no átrio do edifício. Enquanto eu esperava pelo elevador, o meu estômago queixou-se. Como tinha acabado de tomar o pequeno-almoço, percebi que eram nervos e fiquei irritada.

Porque é que a ideia de encarar aquele estropício me enchia de nervos?

A aparência dele.

No fundo, eu sabia que era por ele ser perdido de bom, o que era também ridículo. Eu não era uma pessoa superficial, mas parte de mim não conseguia deixar de se derreter com o patife. Essa parte de mim que agora tinha de se calar.

O elevador tiniu, as portas abriram-se e entrei, seguida por um homem de negócios de alguma idade. Ficámos só os dois quando as portas se fecharam. Quando o homem coçou as virilhas, eu olhei para a tatuagem da pluma no meu pé para me abstrair. Porque é que eu só atraía homens que se coçavam assim? Felizmente o elevador chegou ao piso 20 num instante. Saí e deixei o homem em paz para se esgatanhar todo.

Um dístico preto com letras douradas a dizer *Morgan Financial Holdings* encimava duas portas de vidro transparente. Respirei fundo, compus o vestido vermelho e avancei para a entrada. Sim, embonequei-me para aquela trampa. Não me julguem.

Uma rececionista nova e ruiva sorriu-me.

— Em que posso ser útil?

— Venho falar com o Graham Morgan.

Ela ficou com ar de quem se ia desatar a rir na minha cara.

— Ele está à sua espera?

— Não.

— O Sr. Morgan não atende sem marcação.

— Eu tenho algo muito importante que lhe pertence, tenho mesmo de falar com ele.

— Como se chama?

— Soraya Venedetta.

— Não se importa de me dizer como é que se escreve o seu apelido? Vendetta, como vingança em italiano?

— Não, Ven-E-detta. Tem um E no meio. V-E-N-E-D-E-T-T-A. — Se eu tivesse um cêntimo por cada vez que me lixam o nome... seria mais rica do que o Graham P. Morgan.

— Está bem, menina Venedetta, se quiser, pode sentar-se ali. Quando o Sr. Morgan chegar, eu pergunto-lhe se está disposto a atendê-la.

— Obrigada.

Alisei o vestido e sentei-me no sofá fofo de microfibra num ângulo diagonal para com a receção. Não me surpreendia nada que o Mr. Big Arrogante ainda não tivesse chegado, dado não o ter visto no metro habitual da manhã. Fiquei a pensar em quanto tempo teria de esperar. Só tinha tirado meio dia e teria de voltar ao escritório depois do almoço.

Folheei distraidamente algumas revistas financeiras durante algum tempo, e mal levantara a cabeça quando as portas se abriram. O coração começou a bater-me descompassado quando reparei no Graham, com um ar irritado, como sempre. Trajava calças pretas e camisa branca engomada e enrolada nas mangas. Lá estava o relógio rutilante no pulso. Numa mão trazia uma gravata cor de vinho e na outra um computador portátil. Quando passou por mim deixou no ar uma onda de perfume inebriante que me atingiu o nariz

como um soco. Olhava em frente, completamente alheio a mim ou qualquer outra coisa.

A rececionista animou-se quando ele passou por ela.

— Bom dia, Sr. Morgan.

O Graham nem reagiu. Soltou um grunhido baixinho, passou por nós acelerado e sumiu-se no corredor.

Francamente.

Olhei para ela.

— Porque é que não lhe disse que quero falar com ele?

Ela riu-se.

— O Sr. Morgan precisa de tempo para descomprimir de manhã. Não o posso incomodar com uma visita inesperada assim que ele entra pela porta.

— Quando tempo vou ter de esperar, exatamente?

— Vou falar com a secretária dele daqui a cerca de meia hora.

— Está a gozar comigo?

— Com certeza que não.

— Isso é ridículo, que raio! O que vim cá tratar vai demorar dois minutos. Não posso esperar a manhã toda, senão chego atrasada ao trabalho.

— Menina Vendetta...

— Ven-E-detta...

— Venedetta, desculpe. Aqui há normas. A primeira norma é: a menos que o Sr. Morgan tenha uma reunião importante marcada de manhã, não pode ser incomodado assim que chega ao escritório.

— O que fará ele se for incomodado, exatamente?

— Não quero descobrir.

— Pois eu quero. — Levantei-me e avancei corredor fora com a ruiva aos saltinhos atrás de mim.

— Menina Venedetta, não sabe o que está a fazer. Volte aqui já! Estou a falar a sério.

Parei quando cheguei a uma porta de madeira de cerejeira escura com uma placa a dizer: Graham J. Morgan. As persianas das vidraças que rodeavam a porta estavam completamente fechadas.

— Onde está a secretária dele?

Ela apontou para uma mesa vazia em frente ao gabinete.

— Normalmente senta-se ali, mas parece que ainda não chegou. Mais uma razão para não o incomodar agora. Provavelmente está irritado com isso.

A ruiva olhou para outra colega que trabalhava num cubículo ali perto.

— Sabes porque é que a Rebecca ainda não chegou?

— A Rebecca despediu-se. A agência vai mandar outra secretária.

— Lindo — bufou a rececionista. — Ela durou o quê? Dois dias? A outra mulher riu-se.

— Nada mau, tendo em conta...

Mas que raio de pessoa era aquele Graham Morgan?

Quem é que ele pensava que era?

De súbito, senti uma descarga de adrenalina. Avancei para a mesa vazia da secretária ausente e carreguei no botão do intercomunicador que tinha a etiqueta GJM.

— Mas quem raio é que você pensa que é? O Feiticeiro de Oz? De certezinha que eu teria acesso mais fácil à Rainha Isabel.

Conseguia sentir o medo no olhar da rececionista, mas ela sabia que era tarde demais, por isso ficou só a observar.

Não houve resposta durante praticamente um minuto inteiro. Nisto, a voz funda e penetrante dele.

— Quem fala?

— Chamo-me Soraya Venedetta.

— Venedetta.

Repetiu o meu nome com toda a clareza. Não me passou despercebido que, ao invés de toda a gente, ele pronunciara o meu nome com precisão.

Como não dizia mais nada, tornei a carregar no botão.

— Tenho estado pacientemente à sua espera mas, segundo parece, você está para aí a bater uma. Toda a gente aqui fora tem pavor da sua pessoa, e ninguém lhe quis dizer que eu vim cá. Tenho uma coisa que lhe deve fazer falta.

A voz dele outra vez.

— Ai sim?

— Sim. Só lho dou se abrir a porta.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta, menina Venedetta.

— Está bem.

— Essa coisa que diz fazer-me falta é a cura para o cancro?

— Não.

— É um Shelby Cobra de origem?

Um quê?

— Hum... não.

— Então a menina está enganada. Não há nada que possa ter que me faça falta, que me faça abrir a porta e ter de lidar consigo. Faça o favor de sair, ou o segurança irá escoltá-la para fora deste edifício.

Que se lixe. Eu já não estava para aturar aquilo. Já não queria ter nada que ver com ele doravante, e decidi deixar lá o estúpido telemóvel. Peguei no meu telemóvel e tive uma ideia. Uma prenda de despedida. Tirei três fotografias minhas: uma do decote com a mão a fazer um pirete ao meio, uma das pernas e uma do traseiro. Depois gravei o meu número no telemóvel dele, com o nome *Não tens de quê, cabrão*. Decidi especificamente não mostrar a cara, pois não queria que ele me reconhecesse no metro.

Enviei as três fotos e rematei com uma mensagem final:

A tua mãe deve ter vergonha de ti.

Passei o telemóvel à rececionista e disse-lhe:

— Não se esqueça de lhe entregar o telemóvel.

Saí de lá airosamente, mau grado a ligeira sensação de derrota e a pesada irritação.

Estava ainda com pior feito quando voltei ao escritório. A única coisa boa era que a Ida tivera uma reunião inesperada fora, e não tive de grammar com ela. Acabei por aproveitar e saí uma hora mais cedo.

Depois do trabalho e antes de ir para casa, fui visitar o Tig e a mulher, a Delia. Eu e ele éramos melhores amigos desde pequenos, pois tínhamos sido vizinhos. O Tig e a Del eram donos da Tig's Tattoo & Piercing na Eighth Avenue.

Da esquina já se ouvia o zumbido da agulha do Tig; estava com um cliente. O Tig tratava das tintas e a Delia dos *piercings*. Sempre que me sentia instável, eu tinha tendência a ser impulsiva. Já decidira que, quando chegasse a casa, iria pintar as pontas do cabelo de vermelho, mas ainda não me bastava.

— Del, quero um *piercing* na língua.

— Rua daqui. — Ela fez um gesto de descaso. Conhecia bem as minhas oscilações de humor.

— Estou a falar a sério.

— Tu disseste que nunca farias um *piercing*. Não quero que voltes aqui a culpar-me quando te sentires melhor outra vez.

— Pois mudei de ideias, agora quero.

O Tig ouviu-nos e desviou a atenção do cliente por segundos.

— Eu conheço-te. Deve ter acontecido alguma coisa tramada para queres furar a língua de repente.

Exalei profundamente e respondi:

— Tramada mesmo.

Contei-lhes a história toda, desde ter achado o telemóvel do Graham à má educação dele pelo intercomunicador ao princípio do dia. O Tig falou mais alto para se fazer ouvir acima do zumbido da agulha.

— Deita para trás das costas. Já não tens de lidar com esse sacana. Estás a deixar-te afetar. Apaga-o da memória.

Eu sabia que o Tig tinha razão. Só não percebia porque é que a rejeição do Graham estava a mexer comigo daquela maneira. Não estava disposta a esmiuçar tudo à exaustão nessa noite, nem a relacionar o assunto com os problemas de rejeição por parte do meu pai. Se calhar, nesse dia, tinha contado com uma surpresa agradável em vez de uma decepção completa. Havia qualquer coisa a impedir-me de passar à frente. Tivera esperança de saber mais

sobre o Graham e agora não teria hipótese. Não compreendia porque tinha tanta importância e, até descortinar isso, descarregaria em mim mesma.

— Continuo a querer furar a língua.

Ela revirou os olhos.

— Soraya...

— Vá lá, Del, faz lá.

Ardia-me a língua no metro de regresso a casa. Li a lista de cuidados a ter e tive mesmo de me rir só para mim.

Não beijar nem desempenhar outras atividades orais até sarar por completo.

Pois... isso não ia ser um problema, já que eu não tinha ninguém com quem me dedicar a tais atividades. Todos os cuidados pareciam fáceis até chegar ao último.

Não beber bebidas ácidas nem alcoólicas enquanto a ferida estiver a sarar.

Ora, merda. Que tiro no pé, ter decidido furar a língua numa noite em que precisava mesmo de afogar as mágoas.

Cheguei a casa, despi-me e comecei o processo de pintar as pontas do cabelo de vermelho, que traduzia o meu pior estado de espírito possível. Mesmo quando achava saber o desfecho da noite, aconteceu a última coisa de que eu estava à espera.

SERÁ QUE PODEMOS SEMPRE CONFIAR NA PRIMEIRA IMPRESSÃO?

Não posso negar que a imagem daquele engravatado pre-sunçoso a vociferar ao telemóvel no metro como se fosse dono do mundo despertou algo em mim. A verdade é que, apesar de toda aquela arrogância, a sua postura impressionava qualquer um. E isto para não falar da aparência física, que era completamente hipnotizante.

Acho até que ainda devia estar sob o efeito de alguma espécie de transe quando encontrei o telemóvel que ele deixou cair ao sair da carruagem. Decidida a devolver-lho logo que possível, tentei descobrir a identidade dele percorrendo os seus contactos, mas a curiosidade levou-me a espreitar também algumas das fotografias, deixando-me ainda mais intrigada em relação àquele homem aparentemente odioso.

Quando finalmente arranjei coragem para ir à procura dele na sua empresa, ele nem se dignou a receber-me. Então, resolvi deixar o telemóvel na receção, mas não sem antes lhe enviar algumas fotografias minhas muito pouco convencionais, só para lhe mostrar como a sua atitude me tinha desagradado e o que ele ficava a perder.

Depois de tudo isto, não estava nada à espera de receber uma resposta dele. E muito menos do que se seguiria...

**Não perca nenhuma
destas histórias:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Erótico

 penguinlivros.pt

  [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

ISBN 9789896235178



9 789896 235178 >